

A presente palestra inicia como que um novo ciclo dentro das nossas considerações que têm a Língua por centro. Até agora tenho cansado os senhores com considerações teóricas. Agora tentarei expor as aplicações práticas das teorias expostas. A tradição filosófica distingue, muito arbitrariamente, conforme me parece, entre o pensamento teórico e o prático, ou, mais exatamente, entre a teoria do conhecimento e teoria dos valores. Como vêm os senhores, o pensamento prático é estudado na teoria de valores, portanto teoricamente. Não serão portanto tanto muito práticas as considerações que se seguirão, mas nem por isto deixará de ser aplicações das considerações teóricas anteriores. É à luz dessas teorias que lhes peço acompanhar o meu argumento.

Tentei expor aos senhores a seguinte visão do mundo, a seguinte Weltanschauung: Por diversas aberturas (Offenbarungen) jorra continuamente a torrente da língua a partir do caos tudo envolvente, que chamei de "nada", ou de "inarticulável". Essa torrente da língua é dividida em três grandes braços, três conversações básicas, que são as línguas flexionais, aglutinantes e isolantes. Das duas últimas temos conhecimento apenas externa, mas a primeira experimentamos intimamente. A nossa conversação se desfalda, a partir das aberturas, sistematicamente e ordenadamente. O sistema e a ordem que prevalecem na nossa conversação chamei de "gramática" ou "lógica". À medida que a nossa conversação progride, desdobra-se em camadas, mórmente na camada conversacional, científica e estrutural pura. Essas camadas se subdividem por sua vez infinitamente. Há duas correntes na nossa conversação: uma propaga o seu progresso, a outra a renova, voltando sempre para junto das aberturas. Chamei a primeira de "crítica" e a segunda de "poesia". Podemos distinguir dois tipos de conversação: a autêntica e a conversa fiada. A conversa fiada é uma repetição tautológica e ôca, angustiada e nojenta, dos temas desenvolvidos pela conversação autêntica. A conversação autêntica é o desenvolvimento sistemático dos temas que jorram das aberturas. Nesse desenvolvimento a conversação cria realidades em todas as suas camadas, isto é transforma as potencialidades contidas no jorro inicial em efetividades. Essas realidades têm, obviamente, o caráter da nossa conversação, são sistemáticas e organizadas de acordo com a gramática das nossas línguas. Este é o aspecto externo da nossa conversação. O mesmo processo, visto internamente, pode ser descrito como um campo no qual ocorrem frases. Essas frases formam sulcos, concentrações, adensamentos, chamados intelectos. No centro de cada um desses sulcos se localizam os Eus, aqueles núcleos especialmente densos de frases, embora seja necessário salientar que esses Eus são conceitos desnecessários para a descrição dos intelectos. A nossa conversação pode ser portanto descrita, externamente, como fonte de todas as nossas realidades, e internamente, como fonte dos nossos intelectos. Ou, para falarmos existencialmente, ela pode ser descrita, externamente, como o mundo dentro do qual estamos jogados, e internamente como o próprio estar jogado, como a existência. Eis, em poucas palavras, a visão do mundo que lhes proponho.

Ora, a nossa conversação, e, em consequência, todas as realidades por ela criadas e todos os intelectos por ela formados, não passa de um desenvolvimento das potencialidades contidas nas poucas aberturas (Offenbarungen) pelas quais ela jorra a partir do nada. No contexto formal chamei de "nomes próprios" essas aberturas. No contexto existencial chamei-as de "versos". No presente contexto proponho que sejam chamadas de "mitos". Quero deixar bem claro que dentro da minha maneira de ver as coisas "nome próprio", "verso" e "mito" são sinônimos e denominam aquilo que o grito de espantoso e nada grita. Recapitulo portanto: as nossas realidades e os nossos intelectos são desenvolvimentos de uns poucos mitos. Sei que esta afirmativa está de acordo com os resultados das pesquisas da psicologia de profundidade, especialmente da escola jungiana, a qual prefere chamar de "arquetipos" os mitos. Acolhamos hospitavelmente esse paralelismo, mas não esqueçamos que chegamos a resultados paralelos por um método completamente diferente. Em outras palavras, realizamos o mesmo projeto que Jung, mas numa camada de significado diferente.

Repito que todas as nossas realidades e todos os intelectos empenhados em nossa conversação são desenvolvimentos de projetos contidos em mitos. Com efeito, a nossa conversação, que chamarei, daqui em diante de civilização ocidental, pode ser encarada como uma festa que ritualiza mitos. Recorro a esta nomenclatura, que pode parecer um tanto bizarra aos senhores, por paralelismo com outras conversações, que chamarei de civilizações primitivas, porque nelas o processo é mais aparente. A festa que tenho em mente ao escolher a minha nomenclatura é a dança ritual, por exemplo a dança da batata doce. Essa dança visualiza o que pretendo. Uma certa dança melanésia tem por centro, por tema, emfim por "nome próprio", por "verso" e por "mito" a batata doce. A batata doce significa, nessa dança, o totalmente diferente, o inarticulável, o nada. O grito de espanto grita, nessa dança: "batata doce". Atrás da batata doce se abre o abismo do nada, e a batata doce é o limite até o qual o participante da dança pode pro-

ir em seu avanço rumo a, digamos, Deus. O ritual da dança é a realização das potencialidades contidas no mito da batata doce. A realidade do participante da dança é fundamentada sobre a batata doce e não é exagero dizer que para ele a afirmativa "a batata doce é o criador do mundo" é literalmente verdade. O intelecto do dançarino se forma na dança, e todos os seus processos intelectuais são consequências dessa dança. É por isto que afirma literalmente que nasce da dança. Mas na dança o dançarino se ultrapassa a si mesmo, ele se realiza totalmente, ele se transforma em batata doce. Esta é a última realização do projeto contido na dança: tudo é batata doce. Vemos, neste exemplo, tanto o poder criador como a tautologia de toda conversação, que discuti nas últimas palestras.

O meu exemplo deve ser tomado cum grano salis. Em primeiro lugar está banhado em ridicularidade, porque a batata doce não é um mito da nossa conversação, e é portanto ridícula para nós a afirmativa "tudo é batata doce". A ridicularidade é sintoma da intraduzibilidade. Em segundo lugar, ao descrever a dança, estou falsificando o clima no qual ela se desenvolve. A batata doce tem uma qualidade sacra na dança, que para mim é inalcançável. Em terceiro lugar estou falsificando a situação ao traduzi-la para o português, para um projeto diferente portanto. Peço-lhes portanto que considerem todas as minhas observações quanto à dança da batata doce como simples esboço auxiliar a ser apagado com borracha depois de preenchido com as linhas definitivas. Relevo a responsabilidade pela interpretação da dança ao senhor Mircea Eliade e volto para o meu tema.

Nós, participantes da dança chamada civilização ocidental, temos diversas batatas doces, e o ritual da nossa dança é bem mais complicado, pelo menos aos nossos olhos. Mas, olhando mais de perto, não são tantas as nossas batatas, nem tão complicado o ritual da nossa dança. Quanto ao ritual, que chamei em outro contexto de "gramática" ou "lógica" é ele reduzível, ultimamente, ao movimento sujeito-objeto-predicado. E quanto aos mitos, Misch, o grande diltheyano, crê que os pode reduzir a dois a saber aos dois "Urworte" (palavras primordiais) "Eu sou quem sou" e "Conheça-te a ti mesmo". Mas, imediatamente ao pronunciar essas duas palavras, sou forçado a abandonar o tom frívolo e irônico desta palestra. Porque com elas mergulho, inevitavelmente, para dentro daquele humus do sacro, do qual brotam todos os nossos valores. Sinto que sou o que sou, e que faço o que faço, e que o meu mundo é o que é, e que tende para aonde tende, devido a essas duas palavras. Não sei se Misch tem razão em limitar desta forma os nossos mitos fundamentais a dois, não sei se por exemplo a palavra "eu sou a vida" ou a palavra "morra e torne-te" não deveriam ser incluídas. Mas, embora prática esta palestra, não pretendo esgotar os mitos que projetam a civilização ocidental, tarefa ridiculamente impossível. O que pretendo é tão somente sugerir o processo pelo qual o projeto que somos se realiza. A tarefa é parcialmente possível devido às minhas discussões com Vicente Ferreira da Silva, cujo espírito a um tempo lúcido e profundo me abriu para mim os horizontes que me proponho a mostrar-lhes.

Concordo com Misch que duas são as fontes principais da conversação ocidental, embora a situação não seja tão simples como ele pretende. Somos, na palavra de Heidegger, uma conversação com os gregos, e somos, na palavra do Papa Pio XII (se não me engano) todos espiritualmente judeus. É verdade que o enorme rio da conversação ocidental tem influências tributárias egípcias, mesopotâmicas, latinas, celtas, germânicas e eslavas e que os mitos dos quais essas conversações tributárias surgiram continuam agindo sobre os nossos intelectos. É ainda verdade que principalmente a conversação grega não é monolítica, e que nela principalmente a tradição orfíca se conservou para nós, tendo sido a olímpica relegada a segundo posto. É verdade ainda que nenhuma conversação é um organismo fechado, e que a nossa sofreu e sofre influências externas, principalmente da Índia, de análise difícil. Mas os mitos orfícos e mosaicos, e a sua confluência na figurado Cristo, representam, disso não duvido, a abertura mestre, a abertura fundamental, da qual somos realizações e da qual as nossas realidades são consequência. Diz-se comumente que a conversação ocidental é uma civilização cristã, e creio que devemos concordar com essa formulação com todas as reservas mentais que as minhas considerações anteriores introduzem. Exporei aos senhores as conclusões ferreirianas dessa caracterização do nosso projeto, para depois tentar retificá-las e enquadrá-las no meu contexto, no meu Weltbild.

A progressiva ritualização dos mitos judeus, a progressiva crítica dos versos contidos na Bíblia, feita pela conversação ocidental em múltiplas camadas de significado, explicam a revelação aberta a figuras míticas como Abraão e Moisés como revelação de uma ordem espiritual oposta à natureza. Em consequência a natureza é revelada como sendo algo a ser manipulado pelo espírito. Surge, imediatamente, uma dualidade matéria-espírito, corpo-alma, efemeridade-imortalidade. E esta dualidade tem por consequência duas realidades de estruturas diferentes: a realidade histórica da matéria, (a história natural), e a realidade atemporal do espírito (a verdadeira em aspas). E isto tem consequências éticas. A realidade material é desprezível, a realidade espiritual é conservável. Em consequência temos corpos mortais e almas imortais. Somos corporalmente perdidos e espiritualmente salváveis.

as consequências posteriores desse mito fundamental judeu são modificadas pela fusão desse mito com outro. Se caracterizei o mito judeu como o da oposição entre espírito e natureza, caracterizarei o mito órfico como o mito do descobrimento. Trata-se, nesse mito, de um despir, desvendar, pôr a nu e portanto de um violentar e humilhar daquilo que está velado, encoberto, revestido, portanto virgem e puro. A mitologia e a filosofia grega, que é a crítica desse mito, é portanto uma variação sobre o tema da retirada de vestes. É o fenômeno que cobre o noumeno, é a doxa que vela a sophia, é a morphe que reveste a hyle, é a música que envolve a matemática. Em breve, é o encanto que reveste o mistério.

É evidente que a fusão desses dois mitos era possível, porque eram fundamentalmente parecidos. A dualidade judia corrompe, fundamentalmente, com o órfico embora o clima dos dois mitos seja completamente diferente. O mito judeu põe a ênfase sobre a oposição, o mito grego sobre a relação entre os dois opostos. O mito judeu é uma glorificação da separação, o grego da penetração. A pureza judia (cachrut) é a da seleção, da eleição, do afastar-se, a pureza grega é a da imersão, do aprofundar-se, do mergulho (catharsis). O método judeu é evitar a tentação, (o proibido), o método grego é o procurar a verdade (o encoberto descobrível). A mitologia judia é uma teologia, a mitologia grega é uma soterologia. A fusão desses dois métodos é a tarefa do Ocidente, é a tarefa em prol da qual estamos todos, enquanto existências autênticas, engajados, é o projeto que realizamos. Nesse nosso engagement dispomos de um protótipo, de um modelo perfeito, que é a figura do Cristo, theos e soter em uma pessoa. A nossa tarefa, o nosso engagement, é portanto uma Imitatio Christi. O Cristo é o nosso mito central, a abertura na qual as duas palavras originais (Urworte) se unem. Até agora o nosso projeto realizou essa imitação em diversas camadas de significado, por exemplo no cristianismo, na ciência e no socialismo. Lamento que as limitações destas palestras não me permitem exemplificar as diversas formas dessas realizações, que tem todas tantos aspectos extrospectivos (realizações de mundos), como aspectos introspectivos (realizações de intelectos). ~~Alguns desenvolveremos essas exemplificações no debate.~~

A fusão dos dois mitos que o nosso projeto nos impõe é, entretanto, uma tarefa impossível. Embora fundamentalmente parecidos, são contraditórios em muitos detalhes. O resultado é a duplicidade de muitos dos nossos conceitos e dos nossos valores. Por exemplo dispomos do conceito judeu da verdade revelada e do grego da verdade descoberta. Ou do conceito judeu do tempo linear e do conceito grego do tempo cíclico. A nossa incapacidade de fundir esses contrastes caracteriza a conversação ocidental e lhe confere aquela tensão dialectica que conhecemos tão bem tanto em sua beleza como em seu desespero. "Zwei Seelen wohnen ach in meiner Brust" (duas almas habitam a meu peito). Não obstante, a realização do nosso projeto progride a passos largos. O mito judeu e grego aproxima-se, em muitas camadas, de sua ritualização total, o verso judeu e grego está-se tornando prosa em muitas camadas, os nomes próprios proclamados no grito de espanto judeu e grego estão virando símbolos universais ócos em muitas camadas. Discuti esse fato quando falei da matemática e da lógica pura. Ilustrarei hoje o mesmo processo de um outro ponto de vista. A tecnologia como imitação do Cristo, como realização do nosso projeto, é, do ponto de vista judaico, a realização da época messiânica, do paraíso terrestre, e, do ponto de vista grego ela é o descobrimento total, a destruição de todo mistério. Ela é a total subjugação da natureza pela ordem espiritual, (ponto de vista judaico), e ela é a eliminação do acaso (tyche), o perfeito planejamento (ponto de vista grego). Ela é portanto o reino de Deus e a salvação da alma. Entretanto, ela é tudo isto de maneira prosaica, ritual, antifestiva, de uma forma universalmente óca. A realização de um projeto é a sua destruição, porque demonstra de maneira palpável a frustração e a absurdidade de todo projeto. E, na camada da tecnologia, essa realização, embora não alcançada, já se tornou perfeitamente previsível. Eis a razão profunda, existencial, do nojo que caracteriza o nosso tempo.

Antes de me manifestar sobre o que acabo de lhes expôr, permitam que o enquadre dentro do meu contexto. O mito judeu e órfico que formam o nosso projeto é, se visto estruturalmente, o núcleo das línguas flexionais em sua forma semítica e indogermânica. O seu dualismo é o dualismo de sujeito e objeto das frases dessas línguas. A insistência judaica sobre a oposição e separação é a insistência sobre o sujeito, como no verso "Eu sou quem sou" (Ani Jehová). A insistência grega sobre a relação entre opostos é a insistência sobre o predicado das frases dessas línguas, como no verso "Conheça-te a ti mesmo" (Gnoti seauton). No primeiro verso o acento é sobre o sujeito "eu", no segundo sobre o predicado "conheça". Ambos versos são protótipos de frases flexionais. A conversação ocidental é um desfraldar da estrutura contida nesses versos. Mas os próprios versos escondem, em seu conteúdo, a chave

desfraldar, falam a respeito da língua. "Ani Jehová" significa "eu sou nome", portanto "eu sou uma maneira de falar". "Gnoti-seauton" significa "articule-te", portanto "predique-te falando". Ambos dizem, com efeito "eu sou um projeto específico de uma realização linguística". Dizem "no começo era o verbo, e a sua realização é o verbo incarnado". A contenda destas palestras é justamente que todos os versos dizem isto. E que a civilização ocidental é a incarnação progressiva do verbo de acordo com a estrutura das línguas flexionais, e que a sua dialéctica provém das diferenças estruturais entre as línguas semíticas e indogermânicas. O Cristo é o protótipo do nosso projeto, porque é o protótipo de verbo incarnado de maneira flexional, de maneira sujeito-objeto-predicado. No Cristo o verbo se incarna na forma de sujeito, e sua imitação é nossa salvação porque ele é o ponto a partir do qual predicamos.

Ora é evidente que o nosso intelecto é o campo de frases do tipo flexional, portanto o campo de variações sobre o tema do Cristo. E neste sentido que não podemos escapar ao projeto que somos. Um projeto diferente é, para nós, simplesmente impensável. A tentativa de ultrapassar o projeto, tentativa essa motivada pelo nojo que nos invade ao prevermos a sua realização total na camada da tecnologia, é uma tentativa auto-refutada. Não podemos conceber pensamentos que não sejam variações sobre o tema do Cristo. Dedicarei a próxima palestra a essa imposição do nosso ~~permanente~~ intelecto.

Mas, conforme creio, não é somente frustrada e absurda a nossa tentativa de fugir ao nosso projeto, mas é ainda resultado de uma interpretação estreita, angustiada daquilo que somos. Os mitos que são as nossas fontes são um jorro inesgotável, um jato vivificante inexaurível. Negá-lo é, ao meu ver, um pecado no sentido judaico e uma doxa no sentido grego. Admitamos que na camada tecnológica o nosso projeto tende a realizar-se. Mas isto significa somente que nessa camada a intuição poética se esgotará e que, em consequência, a tecnologia ficará esvaziada do seu conteúdo festivo para recair na inautenticidade de uma conversa fiada ritualizada. Não participará, doravante, da conversação autêntica ocidental, mas essa, como um todo, continuará progredindo, criando sempre novas camadas de significado por ora inimagináveis. A tecnologia será ultrapassada pelo nosso projeto, será "Ueberholt", não mais interessando, no sentido de não estarmos mais nela (inter-esse). Como camada tomada como um todo estará simplesmente disponível (zuhanden), não mais diante de nós como coisa (vorhanden), estará esvaziada. A conversação não mais falará sobre ela, mas isto não quer dizer que a conversação não terá outro assunto. Afirmar isto, como fez Vicente Ferreira da Silva, é estar preso à fase atual do nosso projeto, é não admitir a força criadora da língua. Outros serão os temas da conversação ocidental, e esses temas novos lhe serão propostos pela poesia em versos novos, muito embora esses versos novos serão sempre versos sobre os mitos fundamentais do Ocidente. É neste sentido que devemos interpretar o salmo fundamental "Cantarei uma nova canção ao Senhor".

Aquêle que pretende captar a festividade da festa que é o Ocidente nessa camada tecnológica, já quase esvaziada e ôca, aquele que quis, portanto participar da dança em redor do bezerro de ouro já quase desvendado como símbolo falso, no sentido ultrapassado, caiu, efetivamente, na conversa fiada, ~~in~~ inautêntico do ponto de vista das demais camadas da conversação do Ocidente. A conquista da Lua e uma nova teoria cibernética são efetivamente acontecimentos pouco festivos no estágio atual da nossa conversação, por quase inteiramente ritualizados. As sociedades dedicadas a este tipo de conversa fiada, como os Estados Unidos e a União Soviética, são efetivamente tomadas de nojo e as suas festas têm efetivamente todas as características da inautenticidade. Mas aquele que reserva o seu engagement para camadas diferentes da nossa conversação, camadas ou menos afastadas da proximidade dos mitos, camadas menos desacralizadas, por exemplo nós neste momento, estes ainda sorvem da fonte do nada e não sentem o nojo que pervade a conversa fiada. Pelo menos espero que o que lhes estou dizendo não está lhes causando nojo. Pelo contrário, podem sentir, como eu ao escrever estas linhas, aquele entusiasmo que caracteriza toda festa. É o entusiasmo, é a festividade do pensamento para os quais ~~lhes~~ estou convidando, é a aventura criadora da língua. *Nota de*

É um característico da festa que nela o mito original acontece sempre de novo em todo o seu espanto, em toda a sua sacralidade. Na festa órfica Zagreu é rasgado sempre de novo pelas mulheres da Trácia, e na festa judia o Sábado é, toda semana, sempre de novo a noiva de Deus. Assim na festa que é a conversação ocidental o espanto face ao de tudo diferente em sua estrutura flexional é sempre novo. É o espanto sempre novo face ao sacro em sua hierofania sujeito-objeto-predicado. Para nós o totalmente diferente aparece sempre de novo, e nos espanta sempre de novo, nessa hierofania. É por isto que introduzi o conceito do Eu na última palestra. O eu, este sujeito dos sujeitos a respeito do qual, em última análise, toda a predicação ocidental feita, é portanto

meta do Ocidente. Na minha análise do intelecto, feita na última quarta-feira, tentei mostrar a inautenticidade desse conceito, e a possibilidade remota de superá-lo pelo progresso da conversação que somos. E tentei ligar esse progresso aos esforços dos místicos de todos os tempos. A total realização do eu durante a festa da conversação ocidental seria, efetivamente, a sua total ritualização e portanto o seu total esvaziamento. O eu seria efetivamente superado, (Ueberholt) e abandonado. Mas no estágio atual da nossa festa está o eu ainda repleto de sacralidade, de espanto. O eu definido como a meta da conversação ocidental, isto é uma outra maneira de dizer que a conversação ocidental procura predicar totalmente o sujeito para eliminá-lo. O eu assim definido é, neste sentido, já concebido como sendo ôco. Reaparece, deste ângulo, a absurdidade de toda conversação, e da nossa em particular. Mas para quem está empenhado na conversação, o eu é a fonte de todos os valores. Aliás, creio que todos os observadores do Ocidente concordam em caracterizá-lo como a sacralização do eu, como a festa do sujeito. A realização do eu é, em última análise, o significado da nossa festa, porque o eu é, em última análise a maneira como o totalmente diferente se articula em nossa festa. "Ich weiss, dass ohne mich Gott nicht ein Nu kann leben, werd ich zunicht. Er muss von Not den Geist aufgeben" (Angelus Silesius) "Eu sei que sem mim Deus não persistirá um instante, se eu deixar de ser, Ele necessariamente expirará". A essa glorificação progressiva do eu, ou, se os senhores preferem, a esse individualismo radical, está dedicado o Ocidente. O resto é, ao meu ver, conversa fiada, e, desta vez o afirmo absolutamente, já que permiti que a minha autenticidade fale. E este Eu está para a morte. Esta é a fonte da angústia tipicamente ocidental, da angústia existencial nossa. A ela dedico o debate.